

UMBANDIZAÇÃO, CANDOMBLEIZAÇÃO: para onde vai o terecô?

Paulo Jeferson Pilar Araújo – USP

Jeferson_pilar@yahoo.com.br

GP 9: Religiões Afro-brasileiras e Kardecismo

Coord.: Mundicarmo Ferretti (PPGCS/UFMA)

1 Apresentação

“O candomblé é fazer oferenda aos orixás, diferente do nosso terecô de brincar”.

Seu Zé Roberto (Entrevista em 28 de fevereiro de 2008)

O terecô, também conhecido por tambor da mata, brinquedo de Barba Soeira e às vezes por “Verequete” ou Berequete”, é a religião afro-brasileira tradicional de Codó, cidade do interior do Maranhão, a aproximadamente 300km da Capital São Luís (FERRETTI, M., 2001). A antropóloga Mundicarmo Ferretti é a pesquisadora que mais tem se dedicado ao estudo desse culto (FERRETTI, M., 2000; 2001). Nos últimos anos o terecô tem recebido uma maior visibilidade, sendo objeto de outros estudos de cunho monográfico (FORTES, 2008; ARAÚJO, 2005).

Nosso interesse pelo terecô como objeto de pesquisa deu-se a partir de pesquisa relacionada à migração religiosa¹ entre pentecostais e adeptos de religiões afro-brasileiras em Codó. Desde então, temos mantido contato com pais e mães-de-santo da cidade, e concentrado algumas de nossas pesquisas na comunidade quilombola do Santo Antonio dos Pretos, a aproximadamente 36km de distância da sede do Município de Codó. Durante nossas últimas visitas à cidade, principalmente em 2007, percebemos em diversas entrevistas e conversas com pais-de-santo menções aos terreiros da cidade ditos de candomblé. Inclusive soubemos da ida a Codó de pessoas da Bahia que se diziam do candomblé e com intenções de abrir casas de candomblé na cidade. De início não damos muito atenção ao fato até que percebemos que as críticas ao candomblé em Codó estavam se tornando uma constante nas conversas com o pai-de-santo Domingos Paiva da Tenda Espírita de Umbanda Raio Solar.

¹ Neste caso tomamos o termo “migração religiosa” para o fenômeno de “mudança de religião”, do fluxo de adeptos de religiões afro-brasileiras para as igrejas pentecostais e vice-versa.

Resolvemos nos deter um pouco sobre essa questão e de início logo nos indagamos precipitadamente ou não, se poderia estar havendo uma candombleização do terecô da mesma forma como aconteceu com a umbanda.

Neste artigo traçaremos primeiramente um brevíssimo histórico do Terecô, nos baseando principalmente na história oral e nos trabalhos etnográficos de Mundicarmo Ferretti (2000; 2001), para em seguida fazermos algumas considerações sobre o status do terecô em relação a outras religiões afro-brasileiras presentes em Codó: a umbanda e o candomblé². Em seguida, partimos das impressões de nossos informantes, seus relatos e opiniões sobre o status e impacto da religião dos orixás no tambor da mata de Codó.

De início deixamos claro que esta é a primeira vez em que nos ocupamos desse tema e, portanto, este trabalho se apresenta como uma primeira tentativa de organizar nossas impressões juntamente com a dos terecozeiros de Codó sobre a atual configuração do terecô partindo da relação deste com o candomblé.

2 Brevíssimo histórico do terecô

O terecô deve ter se originado na zona rural do atual Município de Codó, tendo como núcleo a comunidade quilombola do Santo Antonio dos Pretos, provavelmente em fins do século XIX. Apresenta certos elementos jeje-nagô, apesar de ser apontado como de origem banto (angola e cambinda) (FERRETTI, 2000, p. 90). A denominação de Tambor da Mata vem provavelmente de sua origem rural, sendo que na Casa das Minas é chamado Bêta.

A comunidade do Santo Antonio dos Pretos foi objeto de estudo pela primeira vez por Costa Eduardo (1948) quem fez pesquisa de campo na dita comunidade ainda na década de 1940. Por essa época, Costa Eduardo afirma que a religião entre os pretos do Santo Antonio era chamada de “pagé”, identificando alguns traços do que hoje conhecemos como terecô, dentre elas algumas entidades espirituais ainda hoje cultuadas na cidade.

Como afirma Fortes (2008, p. 29), por falta de trabalhos historiográficos sobre a religião afro-brasileira em Codó, é praticamente impossível traçar uma gênese do que hoje conhecemos por terecô. A abertura de terreiros na sede do município deve ter acontecido logo nas primeiras décadas do século XX, entre os anos de 1910-30. Por volta dos anos de 1950-60 registra-se a entrada da umbanda, com a mãe-de-santo Maria Piauí. Logo em seguida, com a

² Não nos preocupamos aqui da relação do terecô com a mina, porém reportamos os interessados para os trabalhos de Mundicarmo Ferretti (2000, cap. 3). Nele, a autora mostra que a relação entre terecô e mina está presente desde as origens do primeiro. Lança mesmo a hipótese de que a entrada de caboclos na mina pode ter se dado através de filhas-de-santo provenientes de Codó e iniciadas na mina (cf. pág. 92).

evidência a ser ganha com o pai-de-santo mais famoso do estado, o Bitá do Barão, a umbanda, juntamente com a quimbanda, tomam conta da configuração dos terreiros da cidade.

Já por volta da década de 1980, haverá os primeiros indícios de candomblé em Codó com a vinda à cidade de dois pais-de-santo iniciados no candomblé na Bahia, mas residentes em São Paulo, seu Júlio e Eduardo, o primeiro atualmente reside em Codó e o segundo já falecido.

3 Terecô, Umbanda e Candomblé e: onde tem Léguas tem cachaça

Para entendermos a preocupação deste trabalho com o candomblé em Codó, iremos nos deter um pouco sobre a atual configuração do culto na cidade de Codó. No trabalho de Mundicarmo Ferretti (2001) sobre o terecô, Mãe Antoninha é apresentada como a mais tradicionalista, apegada às tradições do terecô, não sendo muito chegada à mina e à umbanda como era sua sobrinha e então futura sucessora, Maria dos Santos. Mesmo que mãe Antoninha tivesse residido fora de Codó, em São Paulo, São Luís e Bahia por um tempo e ter feito cursos por correspondências sobre umbanda (FERRETTI, M., 2001, p. 145). Atualmente, a Casa que era de mãe Antoninha é chefiada por sua sobrinha, Maria dos Santos, e tem o nome de “Tenda Espírita de Umbanda Santa Bárbara”, lá toca-se mina e terecô. Ainda em Codó, existem pais-de-santo também feitos no terecô, mas que seguem uma orientação originária do conhecido povoado Nazaré do Bruno, localizado no Município de Caxias, cidade vizinha a Codó. A exemplo, o pai-de-santo Zé Preto e o pai-de-santo Bina, filhos-de-santo do falecido Bruno, quem deu fama ao local. Ambos preservam o uso do poste central em suas casas e afirmam que é assim que deve ser, conforme o velho Bruno do Nazaré ensinava.

Os demais terreiros de terecô em Codó devem provavelmente ter perdido a necessidade do poste central ou guna por influência da umbanda. O que fica como símbolo da guna é apenas um assentamento no meio do barracão.

A umbanda já está totalmente inserida em Codó, tanto que nas entrevistas com os pais-de-santo, os mesmos para se referirem à religião em Codó alternam entre denominá-la como umbanda ou terecô, mas distinguem uma de outra.

Ao ser considerado um culto de caráter rural e de certa forma “flexível”, o terecô, para muitos pais-de-santo, está deixando de existir, conforme podemos perceber pela constante no discurso dos adeptos de um tempo pretérito e do presente, em que o terecô deixou de ser o que era antes, como os “troncos velhos” ensinaram.

Fora alguns aspectos da ritualística do terecô enumerados por mãe Antoninha (cf. FERRETTI, M., 2001, cap. 3), o que acaba por ser referência para os pais e mães-de-santo de Codó geralmente é o toque da Mata, mais acelerado que a mina e que lembra um pouco o tambor de crioula, e o panteão de encantados da Mata, tendo na figura de Légua Bogi Buá da Trindade o chefe da família de encantados mais famosa no Maranhão e Pará. Tanto que dizem que qualquer codoense que se preze tem pelo menos um Légua que o acompanha.

Dos mais de 300 terreiros registrados na cidade (MACHADO, 1999), praticamente todos se autodenominam de umbanda. Poucos iniciam sua festa grande com o cântico de abertura do terecô tradicional: novariê, lovariê ou Dom Varie, como no caso da Tenda Espírita Raio Solar do pai-de-santo Domingos Paiva ou da Tenda Espírita de Umbanda Rainha Yemanjá de Bita do Barão (FORTES, 2008). A cidade de Codó tem nessas duas últimas figuras, Bita do Barão e Domingos Paiva, os expoentes do terecô codoense (SULIVAN, 2000), ambos servindo às vezes de exemplos e não poucas vezes de autoridade, conforme depoimento de seu Domingos Paiva: “Quando morre alguém³ aqui, primeira coisa que faz é, manda chamar seu Domingos Paiva pra tirar “mão de fun”⁴. Ou então acontece alguma coisa, vem bater aqui.” (Entrevista em janeiro de 2008)

Na conclusão de seu trabalho monográfico, Fortes (2008, p. 47) se expressa da seguinte maneira: “Portanto, o terecô como manifestação religiosa de descendentes de escravos em Codó, na última metade do séc. XX, suas práticas rituais vem sendo esquecidas, por ser uma forma de religiosidade que não se coaduna com a sociedade urbana atual.”

Indo mais longe com as considerações de Fortes, pensamos que, foi com a umbanda que o terecô encontrou uma forma de “traduzir-se” numa versão de caráter mais moderna, se coadunando assim à sociedade urbana. No discurso dos terecozeiros da cidade, é afirmado que foi também com a umbanda que o terecô deixou de ser mais perseguido.

Passamos agora a nos ocupar mais detidamente sobre a relação entre o terecô e as demais religiões afro-brasileiras na cidade de Codó, especificamente, como mencionado, com o candomblé. Conforme mencionado, acreditamos que a simbiose com a umbanda pode ter contribuído para a resistência de alguns elementos do terecô, sem a qual talvez, mais elementos do terecô teria se perdido. Quanto ao candomblé, ainda não podemos falar de uma candombleização do terecô da mesma forma que aconteceu com a umbanda. Há atualmente quatro terreiros em Codó que se identificam como de candomblé, de acordo com o pai-de-

³ No caso, pais ou mães-de-santo.

⁴ Segundo Domingos Paiva “tirar mão de fum” no caso de falecido seria se desfazer dos pertences do pai-de-santo, despachando os mesmos ou na mata ou na água corrente para tirar o peso da mão do falecido do que ele fez enquanto vivo. Não perguntamos se havia alguma semelhança com o tirar mão de vumbe.

santo Zé Roberto, que é de Logunedé. Além do terreiro dele, há os de Dona Beata de Xangô, Dona Nilza de Oxóssi e do babalorixá Júlio de Ogun.

Pelas descrições de Mundicarmo Ferretti, é notório na cidade a quase que total aversão da maioria de pais e mães-de-santo ao candomblé. O motivo mais comumente apontado é o sacrifício de animais como oferendas para Exu. É interessante notar que o candomblé para a maioria dos pais-de-santo de Codó, todos que tivemos a oportunidade de conversar, é considerado como coisa do mal, feitiço, coisa ruim. Ironicamente, parece haver uma diferença entre o candomblé como coisa de feitiço e a quimbanda com o culto a exus e pombagiras na cidade, talvez simplesmente devido ao sacrifício de animais.

Zé Roberto: Devido à matança de animais a ser oferecido a Exu, como se isso determina uma corrente que a gente fazer mal ao povo, mas totalmente... tudo tem uma diferença. Dentro da umbanda se faz mais o mal do que dentro do próprio candomblé.

Outro motivo apontado por Zé Roberto é o “luxo” do candomblé. Por ser uma religião cara, Zé Roberto diz ser mal visto pelos terecozeiros da cidade, por falarem que ele “só quer ser”. Novamente, por ironia ou não, o Bita do Barão é por outro lado elogiado pelo luxo que apresenta, principalmente na sua festa grande no mês de agosto, festa que movimenta toda a cidade.

Em contrapartida, o terecô é criticado pelos pais-de-santo com algum contato com o candomblé pelo uso de bebida alcoólica nas festas dos outros terreiros. Principalmente se em alguma festa acaba acontecendo algum incidente, como morte ou brigas com a presença de polícia, conforme entrevista com seu Zé Roberto (Entrevista no dia 28 de fevereiro de 2008):

Pesq.: O sr. acha que ainda existe um terecô tradicional em Codó ou o terecô já deixou de existir como era antigamente, lá do Santo Antonio dos Pretos, e agora só tá um terecô influenciado pela umbanda e candomblé?

Zé Roberto: Olha, rapaz, eu até te digo o seguinte, porque antigamente, quando eu conheci Maria Piauí, vem o Bita também mais atrás dela, e outros, finado Eusébio que já morreu também, que era dos antigo da casa, e outros que já morreram também, fazia parte do morro, era uma seita que existia muita união, muita paz, procurava fazer mais o bem as pessoas, tratava todo mundo igual, agora tá muito enrolado porque filho-de-santo aqui, a partir de ter 3 anos de casa brincando já é pai-de-santo. (...) Porque dentro de nossa casa de candomblé nós não usamos cachaça, filho da casa não bebe. E dentro do terecô do Codó tá havendo muita cachaça nesse pessoal novo que a gente fica até sem querer frequentar e divido esse ponto é que o pessoal maltrata o nosso lado que nós não se mistura, que o candomblé não é bem-vindo, aí vai falando besteira.

Tentamos então, ver de que forma os pais-de-santo de Codó relacionavam o terecô com o candomblé. Perguntamos para seu Zé Roberto sobre a possível influência do candomblé no terecô e tivemos a seguinte resposta:

Pesq.: O sr. acha que o terecô tá tendo muita influência do candomblé?

Zé Roberto: Dentro das obrigação particular, é uma casa que é determinada diferente de todas, as daqui da casa... fora a umbanda, né. Então, o candomblé tá se destacando mais devida as preparações, as orige dos santo, que não tem nome de gente. Tem pedras, vasilha, colocadas na casa e cada pessoa tem o nome do seu orixá, conforme for a sua lenda, conforme seja do queto ou qualquer outro tipo de nação que vem.

Pesq.: E como são os cântigos, assim, na casa do seu pai

Zé Roberto: Abre no candomblé e depois vira o tambor da mata, no português declarado. Entrega pro pessoal do Codó que são umbandistas, cantado em português no terecô codoense.

Da mesma forma, em conversa com Dona Nilza, tivemos uma resposta diferente, mas que na prática acontece o mesmo. Ao perguntarmos se ela tocava candomblé e terecô no terreiro, ela afirmou que a Casa era só de candomblé, mas em toque para Oxóssi ocorrido no dia 19 de janeiro de 2008, presenciamos que logo depois do candomblé, passou-se a tocar terecô, conforme descrição de seu Zé Roberto.

Perguntado sobre como era sua prática do candomblé em Codó, seu Zé Roberto falava que o candomblé era mais uma obrigação pessoal e que apesar de já ter recebido o decá, não raspava ninguém, só o seu pai-de-santo, Júlio, é que podia raspar e fazer barcos de iniciação em Codó. Afirmou também que o seu pai-de-santo já havia iniciado quase 300 pessoas em Codó e outras cidades como Imperatriz, Zé Doca e interiores da cidade, como o Quilômetro 100. Número provavelmente superestimado ou no mínimo seu Zé Roberto contabilizou os que apenas receberam o bori.

4 Considerações parciais

Reiteramos então que, mesmo não havendo uma candombleização do terecô da forma como houve uma umbandização, é possível encontrar o candomblé nos terreiros da cidade, como a difusão da mitologia dos orixás e o uso de quartinhas para os orixás nos congás de alguns terreiros, conforme pudemos observar na Tenda Espírita de Umbanda São Cipriano localizado no conhecido Morro da TV, bairro São Pedro. Lá fomos conversar com o encantado seu Cipriano da Trindade, filho de Légua Bogi Buá, e ao entrarmos no quarto para

conversar com ele, o chão estava com várias quartinhas, cada uma pra um orixá e em cima de uma mesinha livros de umbanda e candomblé.

Pesq.: Então, a maioria das casas que tem candomblé, tem tanto candomblé como terecô também, não deixa de ter?

Zé Roberto: Não, tem que ter, porque se a gente bater só candomblé na casa, o pessoal do Codó não dança. Viu, porque a dança do candomblé é diferente, e pra eles aqui é rodar bem e no candomblé não existe essa roda, é passo...

Além da mitologia dos orixás, soubemos que muitos pais-de-santo da cidade apesar de não quererem passar pela iniciação do candomblé ou serem raspados, por causa dos sacrifícios de animais, pelo menos passam pelo bori, são “boriados”, como diz seu Zé Roberto. Dentre alguns pais-de-santo conhecidos na cidade apontados por Zé Roberto como boriados estão seu João Tavares e seu Domingueiro. Seu Zé Roberto também fala que apesar de não saber se o Bita do Barão foi iniciado ou não no candomblé, afirma que ele faz raspagem em pessoas que vem de outros estados para serem iniciados por ele. Geralmente depois da festa grande dele no mês de agosto, período em que muitos clientes dele visitam a cidade, principalmente vindos do Estado de São Paulo.

Ao perguntarmos para seu Zé Roberto e seu Domingos Paiva sobre quem ainda pratica a “mata pura”, recebemos a resposta de que só no Santo Antonio dos Pretos é que deve ser ainda praticada. Numa de nossas visitas à comunidade no ano de 2007, em conversa com a atual zeladora do barracão da comunidade, Dona Irene, ela nos falou de sua preocupação de ter recebido a responsabilidade de zelar pelo barracão, mas sem todos os ensinamentos que ela deveria ter recebido da antiga zeladora, Dona Ana, falecida no início de 2007. O Bita do Barão é que foi chamado para decidir quem sucederia Dona Ana.

Há também outro ponto interessante a ser mencionado. No caso de seu Zé Roberto que se diz ter sido iniciado apenas no candomblé e não na mata, soubemos por ele mesmo que ele faz festa para um encantado seu da família de Légua Bogi Buá, seu Martin Légua. A máxima que já ouvimos antes, de que codoense que se preze carrega Légua, parece ser verdadeira, mesmo no caso de um pai-de-santo iniciado no candomblé.

Acreditamos que o terecô da forma que se encontra atualmente na cidade segue a dinâmica própria de qualquer sistema cultural. Diferentemente de Fortes (2008), acreditamos que o processo de urbanização da cidade ainda não é suficiente para pôr em perigo a linha da mata. Quanto à relação desta com o Candomblé, ainda é cedo para qualquer prognóstico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. **Estudo etnolingüística da variedade do português popular falado em comunidades negras rurais quilombolas no Maranhão**. Monografia (Curso de Letras) Universidade Estadual do Maranhão, 2005. 75f.

COSTA EDUARDO, Octávio da. **The negro in Northern Brazil, a study in acculturation**. Nova York, J. J. Augustin Publisher, 1948.

BARROS, Sullivan Charles. **Encantaria de Bárbara Soeira: a construção do imaginário do medo em Codó/MA**. 2000. 163f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília. Brasília.

FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de Barba Soeira: Codó, Capital da magia negra?** São Paulo: Siciliano, 2001.

_____. **Desceu na guma: o caboclo no tambor de mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti**. 2 ed. rev. e atual. São Luís: EDUFMA, 2000.

FORTES, Carlos Alberto dos Santos. **Terecô codoense: expressão de identidade e resistência**. Monografia (Curso de História) Universidade Federal do Maranhão-UFMA, São Luís, 2008, 70f.

MACHADO, João Batista. **Codó, histórias do fundo do baú**. São Luís, FACT/UEMA, 1999.